



## EDITORIAL

### A Importância do Inglês na Medicina e no Desenvolvimento Profissional *The Importance of English in Medicine and in the Professional Development*

Karin Romano Posegger<sup>1,\*</sup>

Gestora Executiva Especialista em Hospitalidade e Gestão em Saúde. Mestre em Ciência pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, Brasil. Diretora Executiva da Cardinal - The American English, São Paulo, Brasil.

Com o rápido avanço da tecnologia fomos cercados por uma infinidade de aplicativos, vídeos tutoriais, e acesso a diversas fontes de informações e pesquisa, como o acesso a artigos científicos, notícias, documentários, cursos e outros. Nunca foi tão fácil estarmos conectados com o mundo. Com tudo isso, é impossível não percebermos que o idioma inglês se tornou a principal ferramenta neste processo de evolução, ou seja, o idioma “oficial” que nos conecta às oportunidades e aprendizado, pois não há como nos limitarmos ao conteúdo nacional. Mas, será que estamos preparados para falar em inglês?

O domínio desse idioma tornou-se necessário em quase todos os setores, sendo indispensável na Medicina, trazendo para a superfície a importância do investimento no aprendizado e fluência.

O profissional médico destaca-se no mercado de trabalho quando consegue estar atualizado através da leitura de artigos científicos, participação em congressos, workshops, seminários e cursos, produzidos em sua maioria em inglês. Mas, maior destaque pode ser alcançado quando o profissional tem a possibilidade de participar de *shadowings*, *observerships*, *fellowships* e pós-graduação no exterior.

O processo para cada uma dessas experiências pode variar de acordo com as normas da instituição. Para as mais importantes universidades, localizadas nos Estados Unidos, é necessário que o candidato prove ter proficiência em inglês através de testes oficiais e de entrevistas feitas por telefone ou via *Skype*. Sem citar o processo burocrático, envolvendo a troca de e-mails preliminares e preenchimento de documentos.

Há também os médicos e demais profissionais da área da saúde que preferem se dedicar às ações humanitárias, como os médicos sem fronteira (MSF) e a Cruz Vermelha, quando o inglês é quase sempre a única forma de comunicação.

Para que todas essas oportunidades se tornem realidade, é necessário muito mais do que saber ler e escrever em inglês, é imprescindível a comunicação oral.

Há alguns anos, trabalhei com controle de qualidade em hospitalidade na Disney, no estado da Flórida. Por inúmeras vezes pude observar as limitações de funcionários estrangeiros e de turistas que não possuíam fluência no inglês. Esse fato trazia frustração não somente para eles, mas também para os nativos que se esforçavam para compreendê-los. Era notório que várias oportunidades de conhecimento e entretenimento eram perdidas pela falta do domínio do idioma, sem mencionar às situações de emergências nas quais havia a necessidade de providenciar um tradutor.

Em 2011, mudei para o Brasil, onde me casei com um cirurgião urologista. Desde então, passei a conhecer outros médicos, residentes e professores. Alguns possuíam destreza e habilidades para escrever e ler em inglês, mas se sentiam constrangidos ou intimidados quando o assunto era a comunicação oral no idioma, fazendo com que perdessem importantes oportunidades de intercâmbio de conhecimento. Sem essa interação, torna-se mais difícil o desenvolvimento da medicina no Brasil, principalmente na velocidade que ocorre nas principais instituições de ensino e pesquisa no exterior.

Infelizmente sabemos que o Brasil é deficiente na educação básica, já em países escandinavos, no universo da educação “perfeita”, escolas e professores são altamente qualificados desde o jardim da infância e as crianças aprendem o inglês como parte de seu idioma natal. Essa lastimável realidade brasileira reflete no ensino superior, nos distanciando de países que investem seriamente na educação.

Em 2015, a direção da Faculdade de Medicina da USP declarou preocupação com o nível de fluência em inglês de seus alunos de medicina. Com isso, foram tomadas medidas para incentivar os alunos a aprenderem o idioma, principalmente os termos técnicos.<sup>1</sup>

**\* Correspondência:**

Rua Santa Cruz, 722 – Cj 711  
São Paulo – SP - CEP: 04122-000  
e-mail: romano.karin@gmail.com

doi: 10.21876/rcshci.v9i3.866

Hoje, ainda há poucas instituições nacionais de ensino superior que investem em aulas ministradas em inglês na formação de algumas especialidades médicas e nos cursos de pós-graduação.<sup>2</sup> Em outros países, como Itália, Bulgária, Egito, Israel e Emirados Árabes, existem universidades onde o estudo é integralmente conduzido em inglês.<sup>3-7</sup>

A solução no Brasil viria com investimento público e privado nas escolas primárias e secundárias, assim como nos próprios cursos de medicina espalhados pelo país, sendo necessário que várias disciplinas fossem ministradas em inglês, e que vídeo conferências e intercâmbios fossem constantes, fazendo com que o aluno em formação integrasse o idioma em sua prática de forma natural.

Por alguns anos fui voluntária em uma escola pública primária onde meus filhos estudavam nos Estados Unidos. Na ocasião, tive a oportunidade de conhecer a Sra. Katty Davis, uma professora do jardim da infância. Como na Flórida é muito comum receber alunos estrangeiros, os professores passam por um curso obrigatório para melhor receber e ensinar o idioma local causando menor estresse possível para as crianças.

Certa vez, enquanto conversávamos, ela explicou que a melhor forma de aprender um segundo idioma é da mesma forma que aprendemos nosso idioma materno. De forma natural, ou seja, por assimilação. Primeiro escutamos, depois passamos a tentar repetir as palavras as associando a situações, sentimentos e objetos, e por fim, estaremos preparados para o processo de aprendizagem da escrita e leitura.

Hoje, aplicando praticamente o que aprendi com a Sra. Davis; além de ministrar aulas especializadas para

profissionais da área da saúde, faço parte do programa de Pós-Graduação em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar da UNIFESP, câmpus São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. Gaspar de Jesus Lopes Filho.

Observando a necessidade de melhor preparar os alunos da Pós-Graduação na produção e leitura crítica de artigos científicos, assim como para apresentação e participação em congressos, o Prof. Dr. Gaspar desenvolveu um projeto que recebeu o nome de *English Meetings*. Fui então convidada para ajudar na coordenação do projeto e preparo dos alunos. Após um ano, este projeto tornou-se uma das disciplinas do programa da Pós-Graduação. Hoje, em seu terceiro ano, os alunos apresentam e discutem em inglês temas e artigos na área da saúde que possam ser de interesse de todos os participantes.

Para medirmos a aderência e nível de aceitação dos alunos a este projeto, foi aplicado um questionário. Após o início das reuniões 75% dos alunos disseram que passaram a estudar inglês, e 100% aprovaram o conteúdo e importância da disciplina.

Sem dúvida, o idioma inglês tornou-se um aliado fundamental da medicina, viabilizando a formação de *networks* e domínio da telemedicina, aumentando as possibilidades de crescimento profissional e o melhor cuidado dos pacientes.

Para os que têm dificuldades, busquem aulas particulares com nativos, participem de grupos de discussão e de eventos internacionais, e lembrem-se: se seu maior obstáculo for o medo de falar em inglês, sejam como as crianças estrangeiras do *Kindergarden* da Sra Davis, elas aprendiam rápido, pois não tinham medo de errar. *Good Luck!*

## Referências

1. Bilenky T. No Inglês fraco dos estudantes preocupa a faculdade de medicina da USP. Jornal Folha de São Paulo. 2015.
2. Pinho A. Ensino ministrado em inglês avança em universidades do Brasil [Internet]. Jornal Folha de São Paulo. 2016 [citado 2019 Jul 28]. Available from: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/09/1813083-ensino-em-ingles-avanca-em-universidades-do-brasil.shtml>
3. Med School.it [Internet]. Available from: <https://www.medschool.it/>
4. Studying Medicine in Egypt [Internet]. Available from: <https://afterschool.my/articles/studying-medicine-in-egypt>
5. Technion American Medical School [Internet]. Available from: <https://teams.technion.ac.il/>
6. Medical School in Bulgaria [Internet]. Available from: <https://www.studyinbulgaria.com/university-of-medicine/>
7. Medical & Health Sciences University [Internet]. Available from: <http://www.rakmhsu.com/>